

Nº 08 - Dezembro/98

Revista

Revista de Economia da UNA



BIBLIOTECA
- Rosameiro de Fátima Machado -
— UNA —
Campus Almoraz



DEFICIT PÚBLICO

**Do Império ao
Plano Cruzado**

MODELO ORGANIZACIONAL

**A Era da
Empreendedocracia**



BIBLIOTECA
- Rosemeiro de Fátima Machado -
- UNA -
Campus Aimorés

Editorial

Prof. João Gomes*

A crise asiática começou em julho do ano passado na Tailândia, generalizou-se a partir da Malásia, provocando a ruína da Indonésia, problemas na Coreia do Sul, recessão no Japão. Atingiu países ditos "emergentes", engessando suas economias dependentes do financiamento externo e volátil.

Como uma hemorragia, os capitais fugiram em massa do continente asiático e dos países emergentes com destino a Wall Street e Bolsa Européia. Todo esse sangue, "world money", que deveria circular em todo o planeta, vai com toda a velocidade para mercados mais seguros. É a riqueza indo em direção à riqueza!

Além de suas conseqüências regionais e globais, este tufão, que pôs de joelhos a região mais dinâmica da economia mundial, deixou perguntas, indagações e questões: há perigo de uma crise sistêmica? Qual a interpretação convincente dessa tormenta financeira? É benéfica às economias a liberalização dos movimentos de capitais? É necessário restringir tais movimentos?

Observa-se um aumento do número de economistas, à frente o Dr. James Tobin, Prêmio Nobel de Economia, a favor de uma regulamentação dos movimentos de capitais. Na opinião de vários especialistas no assunto, a crise, que teve seu epicentro na Ásia, tem causas não asiáticas. Trata-se de uma crise das finanças desreguladas e globais. Assim, uma restrição aos fluxos de capitais se justificaria com base nos seguintes argumentos:

- 1º) A mobilidade dos capitais comporta talvez mais desvantagens que vantagens.
- 2º) A onda de liberalização financeira instaurou uma ditadura (leia-se FMI) na condução das políticas econômicas dos Estados.
- 3º) A afirmação segundo a qual a livre circulação dos capitais comporta vantagens enormes não são convincentes. "Nada prova que a livre circulação resolverá um só de nossos problemas. Pelo contrário, há razões para crer que ela poderá agravá-las". (Davi Rodrik). Os mercados de bens e serviços são em geral mais previsíveis. Ao contrário, nos mercados financeiros as bolhas especulativas e as quebradeiras são endêmicas.

* Diretor da FCG/UNA, Prof. Titular de História Econômica

Editorial

4º) Os preços dos ativos dependem às vezes menos dos dados fundamentais da economia que das expectativas dos investidores no tocante às intenções de seus semelhantes. O que confirma o famoso reparo do historiador econômico Charles Kindleberger: “os fluxos de capital caracterizam-se por pânico e manias”.

5º) Não há lógica ou prova convincente de que os mercados financeiros completamente livres sejam melhores. Afinal, as moedas não são instituição de mercado, e nunca serão.

Uma comissão de especialistas japoneses em mercados financeiros e monetários, após detida análise da crise, elaborou relatório defendendo a necessidade de regulamentar os fluxos de capitais a curto prazo. Sugeriu, ainda, a instauração de um sistema de alerta que permita antever as crises em um estado precoce. Discordando do tratamento dado pelo FMI aos países atingidos recentemente pela crise, chegou a propor a criação de um sistema financeiro próprio para a Ásia.

Na revista *Foreign Affairs*, maio de 1998, Jagdish Bhagwati, um teórico respeitado sobre trocas internacionais da Universidade Columbia, afirmou que o papel da crise asiática foi nos chamar a atenção para o fato de que os movimentos de capital podem desencadear crises. Muitos supunham que a livre movimentação de capital entre as nações era exatamente como o livre comércio de bens e serviços, um fenômeno de ganho recíproco. Por isto, a restrição à mobilidade de capital era vista como prejudicial ao desempenho econômico. Em nenhum momento porém, continuou o renomado professor, levou-se em conta o fato de que, devido ao custo das crises, tais ganhos poderiam ser problemáticos.

Há uma enorme massa de dinheiro criada pelo prodigioso crescimento econômico mundial dos últimos 15 anos e pela entrada de regiões inteiras do planeta na economia de mercado. Esse dinheiro não é criado pela atividade econômica como investimento, produção, consumo, ou comércio. Ele não se ajusta às definições tradicionais de dinheiro, quer como padrão de medida, armazenagem de valor, quer como meio de troca. É totalmente anônimo. É mais virtual que dinheiro real. Mas seu poder é real. O volume desse “dinheiro” é tão gigantesco (em um dia, algo em torno de US\$1,2 trilhão são negociados) que seus movimentos dentro e fora da circulação têm maior impacto que os fluxos de financiamento, comércio, ou investimento. Este “dinheiro virtual” tem total mobilidade porque não tem função econômica.

Por isto, ele não segue a lógica ou racionalidade econômica. É volátil e facilmente entra em pânico por um rumor ou evento não esperado.

Eis por que uma questão maior exige reflexão e pede resposta: qual o lugar dos mercados financeiros no funcionamento de nossas sociedades? Qual o impacto real da expansão dos mercados financeiros sobre o crescimento econômico?



BIBLIOTECA
de Rosângela de Fátima Machado
— UNA —
Campus Aimerés

SUMÁRIO

Editorial 01

ARTIGOS

- **Modelagem e Análise de Equilíbrio Geral Econômico com o Uso do GTAP: Uma Visão da sua Estrutura e Principais Procedimentos Computacionais**
Wagner Moura Lamounier 04
- **O Mercado de Capitais Espanhol**
Juliano Lima Pinheiro 13
- **Redução da Força do Imposto “Ad Valorem” e seus Impactos Macroeconômicos nas Relações Bilaterais entre Brasil e União Européia**
Jersone Tasso Moreira Silva 24
- **Estrutura de Oferta e demanda no mercado Interno de Algodão no Brasil no Período de 1980 a 1995**
Gilca Garcia de Oliveira 34
- **O Futuro do Estado Nacional: Reforma ou Extinção**
Andrea D’ Assunção Ferreira e Jaime Augusto Freitas Queiroz 43
- **A Trajetória e a Composição do Déficit Público Brasileiro do Império ao Plano Cruzado**
Daniel Jardim Pardini 51

COMENTÁRIO

- **Surge um Novo Modelo Organizacional: A Era da Empreendedocracia**
Sérgio de Oliveira Birchal 61